

ENTREVISTA COM DOM MARCELO CARVALHEIRA SOBRE DOM HELDER CÂMARA

*Flávio José Rocha da Silva**

APRESENTAÇÃO

Quando Bento XVI visitou o Brasil para a Conferência de Aparecida, fez uma visita de cortesia ao Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, que por muitos anos esteve no comando da Arquidiocese de São Paulo e tornou-se famoso por sua luta em favor dos direitos humanos durante a ditadura. Para retribuir-lhe a visita, o arcebispo emérito de São Paulo presenteou-lhe com livros da autoria de dom Helder Câmara. O gesto de Dom Paulo foi mais que simbólico. Dom Helder foi, certamente, o prelado brasileiro mais importante do século passado. Não por acaso, as universidades do Brasil e do exterior estão divulgando publicações a seu respeito. Em 2002, eu iniciei um mestrado em Espiritualidade da Criação na University of Creation Spirituality em Oakland, na Califórnia, e decidi que o tema da minha pesquisa teria como foco as meditações de Dom Helder. Para conhecê-lo melhor, resolvi entrevistar um de seus amigos mais próximos: dom Marcelo Carvalho. Prestes a deixar o comando daquela arquidiocese em poucos meses quando eu o entrevistei, dom Marcelo atendeu-me por quase uma hora em sua residência. Não necessário fazer muito esforço para conseguir as respostas para as minhas perguntas daquele que era considerado por dom Helder como o seu filho espiritual¹.

* Doutorando em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - UC-SP e Bolsista CNPq. E-mail: flaviojoserocha@gmail.com.

¹ Entrevista concedida no dia 17 de março de 2003, na cidade de João Pessoa, Paraíba.

Na sua opinião, qual foi a grande evolução na visão de dom Helder? Como o Senhor avalia a evolução da visão espiritual dele?

Dom Marcelo²- Eu devo dizer que a mudança grande de dom Helder foi quando ele saiu do Ceará para o Rio de Janeiro. Essa foi uma mudança muito profunda. Porquanto, ele se ligara a certos movimentos integristas. Esperava até que o Integralismo fosse uma grande resposta para o Brasil. Desde aí ele mudou. Mudou em comportamentos pastorais. Naturalmente na visão pedagógica e social. Foi aí que ele então começou assumir, por exemplo, entendimento, relações com Paulo Freire, depois com Celso Furtado e, sobretudo, com o pessoal da Ação Católica que o acompanhou muito lá no Rio. Quando ele chegou ao Recife já estava dentro desta nova maneira de ver as coisas, de viver. Quanto a espiritualidade, ele sempre a teve muito intensa, mesmo antes. É certo que os temas anteriores, no Ceará, eram sempre muito cheios de unção, de fé em Deus, de confiança, mas no seu bojo nem sempre traziam as grandes causas humanas que são desafiadoras, que ele as assumiu na convicção de que não se pode ser Cristão, não se pode ser ministro do evangelho sem integrar na sua pregação a mudança do mundo em vista de uma sociedade alternativa, na qual a pessoa humana seja respeitada, os direitos humanos sejam atendidos. De sorte que isso faz parte da própria pregação. Não tem nada que ver com a política propriamente partidária. Nem também com a técnica, por exemplo, da Economia. Estas devem receber iluminação que vem do evangelho. Sobretudo aquela opção evangélica pelos pobres, pelos excluídos, por aqueles onde o grito de Deus, clamando, é forte. Isto é, Deus grita porque a sua imagem, que é a pessoa humana, homem ou mulher, não esta realizando a sua plenitude. São imagem e semelhança de Deus feridas. E esta ferida provoca o clamor de Deus que deve ecoar no coração dos cristãos, dos evangelizadores. E isso se fez de modo muito forte em dom Helder. E é certo que em conformidade com os acontecimentos ele ia tomando atitudes diferentes.

² Dom Marcelo Carvalheira foi bispo da Diocese de Guarabira-PB ente 1981 e 1995 e arcebispo da Arquidiocese da Paraíba entre 1995 e 2004.



Quem o senhor diria que foram as grandes influências na espiritualidade de dom Helder?

Dom Marcelo- Bem, as grandes influências foram, antes de mais nada, uma atenta meditação do evangelho, isso é fundamental. Depois figuras espirituais, por exemplo, como São Francisco de Assis. Ele se denominava Irmão Francisco e botou na sua Obra [o nome] Obra do Irmão Francisco. A Operação Esperança, que hoje esta Obra se chama Instituto Dom Helder Câmara. De sorte que essas figuras influenciaram muito a questão de pobre. Agora, veio muito o aspecto também de mudança nas estruturas sociais. Também na sua oração que ele primeiro dizia, não adianta dar atenção, dar esmola aos pobres se nós então não tocamos na raiz destes males que é o conjunto das estruturas da sociedade que marginalizam, empobrecem. Se ficamos simplesmente numa atenção, numa piedade diante dos pobres, o que é necessário, é muito bom, inclusive o atendimento imediato, mas se não olhamos através de uma análise correta de onde vem tudo isso, então podemos não ajudar a esta necessária transformação que é fruto da presença, do fermento cristão dentro do mundo. Então, isso ele foi acentuando. Eu me lembro que ele me contava que quando ele se encontrou, quando esteve com Teresa de Calcutá, com quem ele se dava muito bem, e então ele dizia: “Teresa, você tem uma função que é lá nas ruas de Calcutá. Socorre os que estão morrendo nas ruas. Leva para casa. A minha função é outra. É nós procuramos nos completar. Eu além de fazer isso, que é necessário,” e fazia muito no Recife, “Eu tenho que clamar por justiça social, pelas reformas das estruturas.” Lutou muito contra a ditadura, no tempo da ditadura, que é um desrespeito a pessoa humana, os direitos civis. Naquele tempo ele foi muito excluído até dos meios de comunicação social. Então isso influenciou também na sua espiritualidade. Mas ele me dizia que é claro que o mundo aplaude facilmente quando vê dar esmola. Você sabe desta frase dele? Quer dizer, “Dar esmola então sou um santo. Quando então a gente olha para a justiça social eu sou um comunista.”



E se alguém quisesse conhecer mais profundamente a espiritualidade de dom Helder, qual documento que ele escreveu, qual livro que ele escreveu o senhor aconselharia?

Dom Marcelo- Eu aconselharia ler as cartas dele.

As cartas?

Dom Marcelo- Que já estão em vários volumes. Vários volumes. Nas cartas as vezes há as meditações da manhã. E todas as poesias dele têm sempre um cunho de prece, uma unção muito forte. Mas há muitas coletâneas dessas poesias dele. Inclusive foram publicados livros de poesia dele. Acho que você conhece. Eu acho que por ali se pode colher alguma coisa. Porque não tem muita coisa sistemática. Ele era um homem assistemático. E então tinha intuições, soltava intuições, fomentava grandes movimentos a favor da justiça e, sobretudo, era um homem de muita ternura e de muito amor. Quando ele falava forte contra a ditadura, por exemplo, contra o desrespeito à pessoa humana, contra a falta de distribuição da riqueza. Com muita veemência ele fazia isso. Então pensavam que ele era uma pessoa cheia de rancor. Não tinha nada disso, nada disso. Eu lembro, por exemplo, quando ele fez um grande sermão no dia de dom Vital. Praticamente ele dizia que: “Se dom Vital vivesse no tempo de hoje ele ia tratar de quê? Dos pobres e não ia se preocupar com a maçonaria. Foi uma urgência daquele momento. Ele ia se preocupar com outras coisas: com a elevação dos pequenos, dos excluídos.” Quando ele chegou em casa, eu estava com ele, bate o telefone. “O senhor não acha que já foi demais o que o senhor fez...” Sabe dessa não?

Não sei.



Dom Marcelo- “Não acha que foi demais”. Dom Helder disse, “Por quê?” “Dom Helder, o Senhor passou da conta. De que tipo de morte o senhor prefere morrer?” Ele disse, “Bem, se depender de mim eu prefiro ser enforcado, esquartejado e que os pedaços do meu ser se espalhem pelas cidades do Recife, Filho da P.”

Eu não conhecia essa história. Agora, em sua opinião quais os principais desafios que dom Helder enfrentou na sociedade, os desafios pessoais dele na sociedade e na Igreja?

Dom Marcelo- Veja, na sociedade os desafios de uma estrutura desumana, de injustiça, de marginalização. O modelo que nós temos não era, podemos dizer, plenamente Neoliberal. Antes era um modelo sempre dominado pela burguesia. Uma democracia capenga que nunca foi uma democracia social, favorecia só... Então aí ele sofria pressões, desentendimentos. Então no tempo da ditadura isso foi muito forte. Era perseguido. Ele não podia falar na imprensa, nenhuma notícia podia sair sobre ele. Nunca o nome dele. Então isso era muito difícil. Colavam então na porta dele aquele... Brasil: ame-o ou deixe-o. Ele [dizia]:” Não. deixe aí mesmo.” Aquilo estava muito lá na casa dele. E muitas pressões do governo. Ele foi, por exemplo, impedido de receber o Prêmio Nobel da Paz. Estava tudo certo, houve interferência do governo que criaria um problema diplomático, dizia o governo, se ele recebesse. É claro que deram-lhe um prêmio, coisas alternativas. Então isso era muito forte. Quando então ele ia à Europa, cobravam dele e ele dizia com toda a franqueza o que estava acontecendo no Brasil. Isso irritava demais. As famosas conferências que ele fez em Paris, grandes auditórios. Então era muito forte. Depois então da ditadura a coisa ficou um pouco melhor. As coisas foram se recompondo. Mas sempre lutando, porque não basta que não haja ditadura, é preciso que haja um tipo de governo que se preocupe com as causas do povo, da grande maioria. Essas causas são causas de Deus. Muito importantes. Então isso por parte do governo foi bem. E por parte da Igreja, é claro, porque a Igreja ela não é, digamos, uma massa monolítica. Ela é composta de uma multiplicidade, e isso é bonito, de pessoas com mentalidades



diferentes, formações diferentes. Mesmo tendo a mesma fé, as vezes entende de forma diferente. Entram também as ideologias. Sobretudo de grupos mais favorecidos que então procuram muito colocar a religião quase que a seu serviço. Respeitando, então, as pessoas e a fé das pessoas, mas as vezes acontece isso. Quando há pessoas que se convertem sinceramente estando numa camada social alta, imediatamente ele se preocupa com o pobre, com a partilha. Mas em geral não acontece isso. Quase que a religião fica uma espécie de moldura dourada de um quadro burguês. Isso não é bom. Isso a gente tem que entender. Agora a gente tem que ter misericórdia com esse povo, como é que Deus tá agindo aí, até onde vai a sinceridade. Até onde vai simplesmente a utilização da religião. É muito difícil julgar. Agora, então, em toda a parte há. Depois a mentalidade da Igreja, com uns mais abertos, voltados então para a frente com os grandes sinais da história. Outros mais preocupados com a tradição, que não pode ser mudada, das coisas imutáveis da Igreja. Isso aí é difícil. Isso tanto no laicato, como também no clero, como também na hierarquia. Quantos, então, bispos muitos bons, sérios e cheios de fé, mas ficam apavorados com um certo tipo de pregação. Receberam aquela formação, não é isso? Isso a gente encontra em toda a parte. Então dom Helder também tinha uma paciência imensa com tudo isso. Entendia, mas as vezes não se entendiam, as pessoas não se entendiam, não é? Sempre defendia o Papa, onde quer que fosse. Tinha uma devoção muito grande ao Papa. Foi amigo pessoal de Paulo VI. Teve um contado muito bom com João XXIII. Com esse Papa também. Ele dizia assim: “O maior título que eu recebi na vida, entre o cento e tantos foi aquele que me deu João Paulo II quando chegou ao Recife,” que abraçado com ele diante da grande massa ele dizia: “Dom Helder, irmão dos pobres e meu irmão.” Disse que era o maior título dele, que ele tinha, que ele sempre citava isso.

Eu acho que dom Helder foi uma das grandes figuras mundiais do século passado. Qual a importância que o senhor atribui a dom Helder para a Igreja?



Dom Marcelo- No tempo de vida ele alertava muito a Igreja para certos problemas. Vibrou com Concílio Vaticano II. Queria que ele fosse levado adiante. Fez várias propostas de acordo com o Concílio Vaticano II, que não foram implementadas totalmente. O grande desejo, por exemplo, de uma renovação da cúria romana. E tudo isso não é fácil. As vezes chega um Papa, como chega também, as vezes, na república um presidente, não consegue fazer o que se quer. Mas então houve uma grande influência depois do concílio, que ele foi um homem muito atuante no concílio, sem fazer uma intervenção pública. Ele trabalhava nos bastidores, sobretudo com alguns grupos-chaves e alguns cardeais. Tinha acesso direto, juntamente com o Cardeal Suenes, da Bélgica, a João XXIII que dizia sempre: “Olhe, discutam, discutam, pode discutir a vontade com toda a liberdade, mas não saiam da caridade para não sair de Deus.” Ele sempre lembrava isso. Agora depois, então, ele continuou no Recife com esse trabalho e sempre voltado muito para as ações também em benefício dos pobres, por exemplo, os terrenos que ele comprou, uma espécie de pequenas reformas rurais que ele procurava fazer como uma iniciativa pessoal. Coisas privadas de ajudas que ele recebia, mas que iam fermentando também o ambiente no bom sentido. E veja, até então no fim da vida, já no fim ele estava muito limitado, mas sempre a mesma figura, mostrando o mesmo amor, a mesma atenção. Nunca, nunca falando contra uma pessoa. Nem dentro da Igreja, nem fora da Igreja. Com uma grande caridade para com todos. Que era um teste muito grande de alguém que estava pacificado em Deus. Nunca, nunca nem uma atitude de rancor, de amargura, de rejeição.

Algum medo? Ele tinha algum medo?

Dom Marcelo- Não. Ele só tinha medo exatamente é de ter medo e receio que as forças do mal, da opressão, aumentassem. A única coisa. Ia proclamando o Ano 2000 Sem Miséria³. Agora a CNBB apanha com esse grande mutirão para atender as

³ O último grande projeto lançado por dom Helder, no início dos anos 90, para acabar com a miséria no Brasil.



exigências evangélicas e éticas a superação da fome e da miséria. E o Fome Zero⁴ que estar por aí, não é? Mas é claro que há sempre uma grande decepção das grandes utopias, dos grandes sonhos e da realidade como ela é. Dom Helder era um homem de utopias, um homem de sonhos. Mas nunca se desencantava dos sonhos. São os sonhos, são as utopias que movem a história. E que não estão fora, vão se realizando aqui e acolá. As vezes demandam um largo tempo.

Como o senhor diria que era a relação de Dom Helder com a natureza?

Dom Marcelo- Era muito singela, muito franciscana. Ele, mesmo na frente da gente conversava com uma flor, conversava com a formiguinha. Disse: “Vem ver, vem cá Marcelo, veja aqui Marcelo. Olha a formiguinha. Ela não tá vendo que não que não pode andar por aí. Vem cá formiguinha.” [Dom Marcelo mostra com um gesto que Dom Helder mudou a formiga de lugar]. E conversava muito com flores e formigas. Engraçado, as formiguinhas. Era uma maneira simples daquilo que ele estava sentindo. Porque tudo para ele era também uma espécie de, quer dizer, as coisas da natureza, a beleza então das plantas, dos animais, sobretudo assim muito singelos, para ele suscitavam parábolas. Ele conversava e isso era também uma higiene mental.

O senhor diria que aconteceu com dom Helder a mesma coisa que aconteceu com dom Romero, depois do assassinato do padre no Recife? Houve uma... dom Helder antes já tinha toda uma luta, mas intensificou ainda mais a luta e a fé?

Dom Marcelo- Claro. E só não mataram do Helder por que criava um problema internacional e a ditadura da época não queria se desmoralizar, mas se vingavam nos

⁴ Programa governamental criado pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, no início do ano 2003, para tentar acabar com a fome no Brasil.



seus padres. Mataram Antônio Henrique, a quem eu recebi no seminário até a ordenação dele. Prenderam-me durante 51 dias no Sul. Não era nada visando a mim. Eu fui fazer uma reciclagem lá no Sul e me prenderam. No fundo porque achavam que eu estava articulado com dom Helder para levantar o Brasil e derrubar o Regime, veja lá. Era o Nordeste com o Sul. Eu estava lá fazendo, durante uns meses... Então a gente vê que tudo... Agora, por que não fizeram? Porque, veja lá, El Salvador é um *paísinho de nada*.⁵ Lá os militares poderiam pisar forte, esmagar, e com o apoio dos Estados Unidos, enquanto que aqui não, não é assim, o Brasil é enorme. Tem uma voz na imprensa, nos meios de comunicação mundial muito maior. E dom Helder era conhecido mundialmente, não era o caso de Oscar Romero. Só depois é que se... Quando ele estava crescendo, ele foi assassinado. Ele passou pouco tempo. Quando ele se converteu pela causa dos pequenos, se convenceu que ele devia lutar contra aquela ditadura praticamente foi eliminado. Mas dom Helder era assim, agora ele ficava privado de tudo, privado de falar. Eu me lembro que quando foi... Podia ainda ter uma meditação espiritual na Rádio Olinda. Eu lembro que no mês de aniversário de Antônio Henrique, dia 28 de maio, todo mundo esperava que ele fizesse uma meditação sobre... Mas veio, explicitamente, uma ordem: não tocar no Padre Antônio Henrique. Então quando começou a meditação ele começou assim (veja que capacidade de comunicação extraordinária): “28 de maio”, calou, “É isso mesmo”. Não podia ter sido pior. “É isso mesmo.” Não disse o nome. Se ele dissesse era menos grave, não é? Não incorreu na proibição que tinha tido. Agora você veja, isso era uma maneira de amarrá-lo, mas tinham pavor que tocasse nele, por causa da desmoralização do sistema que seria maior.

Dom Helder escreveu, além das meditações, eu não lembro bem, ele escreveu sinfonias?

Dom Marcelo- É, [Sinfonia] dos Dois Mundos.

⁵ Dom Marcelo refere-se ao tamanho de El Salvador comparado com o Brasil (grifo do entrevistador).



Como o Senhor define essa expressão artística que ele tinha?

Dom Marcelo- É, exatamente, ele queria ver, então, se o mundo dos pobres dialogando com o mundo dos ricos, sem violência, mudava os corações. Como também a missa sobre o mundo que foi, que foi também orquestrada. Ele sempre interpretava, o texto era dele, e havia o suíço que então dirigia. Esses dados você pode perceber mais exatos lá com o pessoal todo. Levou muitas vezes a Sinfonia Sobre os Dois Mundos.

Parece que ele tinha uma relação muito especial com artistas, porque quando ele mudou para o Recife, ele convidou artistas para a casa dele e todo mundo ficava muito admirado que no tempo da ditadura podiam conversar tudo dentro da casa dele. Parece que ele tinha um respeito muito grande pela criatividade, pela arte.

Dom Marcelo- É verdade.

E eu lembro também que aqui na Cantata para Alagamar⁶, acho que ele também veio.

Dom Marcelo- Estava.

Para dar apoio.

6 A Cantata para Alagamar é uma obra musical criada por músicos de João Pessoa/PB que teve como argumento o conflito de terra na Fazenda Alagamar em Salgado de São Feliz/PB e que, por causa da censura, foi apresentada na Basílica de Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, com a presença de dom Helder e dom José Maria Pires.



Dom Marcelo- Está sendo reeditada, agora, a Cantata. Pois é, aqui ele esteve. Dava muito apoio a dom José Maria, meu antecessor. A todas as iniciativas que se realizavam aqui, muito na linha dele.

Sobre questões polêmicas dentro da Igreja, alguma vez o Senhor o ouviu opinar sobre padre casado ou sacerdócio...? Ele tinha uma opinião formada sobre isso?

Dom Marcelo- Não. Ele tinha, intimamente, mas fazia questão de não publicar. Porque ele respeitava muito a situação vigente na Igreja. Não vivia falando sobre essas coisas porque sabia que isso não ia... Sobretudo ele prezava muito uma harmonia com o pensamento vigente, no momento, do Papa. Essas questões ele achava que deviam ser tratadas e tudo isso, mas não era, digamos, corifeu dessas ideias, que podia até impedir a ação maior. Paulo VI o considerava muito, inclusive queria fazê-lo cardeal. Eu tive contato com ele e tava... Mas tava esperando a hora que fosse melhor, que não suscitasse reações, entendeu? É muito difícil.

Que grande lição o Senhor diria que aprendeu com dom Helder?

Dom Marcelo- Veja, a grande lição primeiro é de uma grande proeza espiritual, eu diria despojamento. Ele não se considerava um grande fulano, se considerava, como ele dizia, um grande pecador e tão humilde, humilde. Não tinha...Ele brilhava muito, mas não tinha vaidade toda. Isso era muito bonito nele, um certo despojamento. Depois uma confiança irrestrita em Deus, confiança total em Deus. E ao lado disso, por exemplo, uma grande atenção pelas pessoas, uma ternura com as pessoas. Eram muito marcas dele. E sobretudo com os pequenos, com os pobres, com os

humilhados. Era muito uma imitação, à maneira dele, ninguém imita tal e qual, de São Francisco de Assis.

Quer dizer, então, que o senhor acha que São Francisco de Assis foi sempre um grande modelo para ele?

Com Marcelo- Foi. E além de São Francisco, outro que ele de vez em quando recordava era São Vicente de Paulo. Recordava sempre, lembrava muito certos exemplos de São Vicente de Paulo.

Na sua opinião, se dom Helder estivesse vivo hoje, qual seria a opinião dele sobre a situação atual do planeta? Além de todos os problemas com guerras, problemas sociais, problemas também ecológicos.

Dom Marcelo- Pois é, a opinião dele seria de um grande sofrimento pelo sofrimento da Terra. Por exemplo, toda a questão da ecologia, dos desmatamentos, do mau uso da água. Tudo aquilo que a gente chama hoje o amor pelo planeta Terra, que é o lugar da nossa convivência. Dom Helder sentia muito isso e sofria com isso, todos esses problemas que a gente vê ligados a ecologia e dentro disso, sobretudo, a questão humana. Afinal de contas a criatura mais importante do planeta Terra é o homem. Se a gente defende o habitat do homem, é por causa dele mesmo, a criatura humana. Então com relação a criatura humana ele tinha a maior abertura, a maior defesa. A justiça social, a igualdade entre homem e mulher. Muito compreensivo com as falhas, com os desvios aqui e acolá. Tinha uma compreensão muito grande. E não era, digamos assim, um homem preocupado com o aspecto meramente moralista. Era preocupado com o evangelho, com o amor. Sabia que se deve ter uma disciplina, mesmo na vida comum, com relação a verdade, a prática da justiça, com relação, também, a vida afetiva. Mas, ele tinha o amor sempre como o principal. Claro que as

virtudes cristãs daquelas mais exigentes e que solicitam a austeridade e ascese da gente não estão contra o amor, pelo contrário. Os grandes santos foram tão amigos, tão compreensivos e propagadores do amor e do perdão de Deus, eles eram muito coerentes e severos consigo mesmos. O dom Helder foi, também, alguém que pregava de maneira admirável a questão do perdão de Deus. Deus que perdoa, Deus que é misericordioso, muito a questão do perdão. Não se impressionava muito com os graves pecados humanos, ele sabia que o perdão era muito maior. Queria então que, é claro, sobretudo aqueles que ofendem a pessoa humana, que eles fossem superados, corrigidos. Mas não era preocupação dele está batendo aqui, está batendo acolá. Era, sobretudo, anunciar o amor e pelo amor transformar as pessoas.

Como o Senhor acha que dom Helder respondia ao sofrimento dele, aos desapontamentos ou decepções? De que forma ele respondia a isso na vida dele?

Dom Marcelo- Ele respondia às vezes chorando copiosamente. Várias vezes eu vi. Chorava, chorava, chorava, chorava. Por exemplo, em Roma, quando uma vez eu ajudei uma missa dele, dentro da Basílica de São Pedro, bem cedo, no meio da missa ele chorou copiosamente. Chorou, chorou fortemente. Perdeu-se na missa, não conseguia acabar. Quando despertou, terminou a missa. Quando ia comigo ele disse: “Nunca pensei que fosse possível sofrer tanto e ser tão feliz.” Como que a mim explicasse. Ele dava dois passos e depois me explicar. “Nunca pensei.” Porque depois desse choro ele desabou a rir desabaladamente. Ele chorava que tava enxugando os olhos, depois começou a rir. Falando que estavam destruindo o que ele fez, ele me chamou e disse: “Pois é, veja, eu preparei tanto uma imagem. Quando ia botando no nincho ela caiu, quebrou-se.” Aí começou a chorar, começou a chorar. Não disse uma palavra. Ele tinha muito o dom das lágrimas, do choro.

Tem alguma coisa que o senhor gostaria de acrescentar sobre dom Helder que a gente não abordou ou que eu não perguntei?



Dom Marcelo- Não. Acho que é difícil mais alguma coisa. Acho que era isso mesmo.

Eu quero lhe agradecer.

Dom Marcelo- Talvez respigando uma coisa ou outra possa se útil.

Sim. Mas o Senhor abordou tudo que eu queria saber dele, como ele respondia aos desafios, porque a minha intenção é trazer o lado místico de dom Helder.

Dom Marcelo- Quer ver uma coisa, não sei se vale a pena contar, ele dizia: “Marcelo, na noite de lua...” Eu disse, o que é que o Senhor faz a noite? “Quando a réstia de lua entra no meu quarto...” (que ele fazia as meditações a noite), eu disse, o que é que senhor faz? Ele disse: “Eu danço.” Dançava. Uma vez dançou pra mim como é que ele dançava, praticamente imitando *Zorba, o grego*,⁷ que ele gostava muito do Zorba. Dançava. Quer dizer, então, é como Davi diante da Arca louvando a Deus na dança, que dança também era uma oração para ele. Era uma expressão de júbilo. Tinha uma vibratilidade muito grande nas coisas. Isso aqui não é bom dizer, mas quando ele assistiu *Zorba: o grego*, ele estava na primeira fila do cinema. Quando terminou ele levantou para o povo, bateu palmas e pediu ao povo para bater palmas. Ele viu o Zorba como o tipo do homem livre. Talvez os outros vejam [como] era um amoral, tem a sua esposa, pega aquela, pega a outra e tudo naquela... Você conhece *Zorba: o grego*?

⁷ Filme dirigido por Michael Cacoyanni e estrelado por Antony Quinn, em 1964.



Não, eu nunca assisti. Agora estou curioso.

Dom Marcelo- Ele achou uma coisa de uma liberdade extraordinária. Termina num fracasso de um conduto de águas que ele fez e a coisa não dá certo e então ele sai dançando porque não deu certo. *Zorba: o grego*, tudo era bom, a humanidade era para ser usufruída, essa coisa toda. Quer dizer, se a gente for ver dentro de um lado meramente moralista, mas como é que dom Helder vai gostar disso. Um homem meio amoral, que tinha a esposa dele e uma senhora que queria muito bem. Pois bem, ele fazia carícias com ela só para agradar a ela com carinho. Mas dom Helder via o outro lado, o outro aspecto da grandeza humana, da compaixão. Para Deus não há regras, para Deus não há regras. Tinha esse lado aí. Que é preciso entender bem.

